



Boletim Informativo da Casa do Artista

Editorial

Volume IX, Edição II

Outubro de 2016

Visita do Presidente da República à Casa do Artista



Nesta edição:

Rosário de Cantigas	2
Heróis de Portugal	3
Havemos de ser culpados	4
O Crepúsculo de uma grande actriz	6
Conversas com Rosto	8
Significados da palavra "BERA"	10
PM Show Eu	12
Balada de Neve	13
Factos Y Ficciónismos	15

1 de Outubro 2016 – Dia Mundial da Música e Dia Internacional do Idoso

No passado dia 1 de Outubro 2016, no âmbito das comemorações do Dia Mundial da Música e do Dia Internacional do Idoso, recebemos a visita oficial de Sua Excelência, O Presidente da República à Casa do Artista.

Nesta visita, o Professor Marcelo Rebelo de Sousa assistiu a um espectáculo musical no Teatro Armando Cortez, apresentado por Maria Júlia Guerra, com as atuações da pianista Natalya Kuznyetsova, do tenor Jorge Baptista da Silva e de Carlos Alberto Moniz.

O Presidente da República agradeceu o contributo dos artistas a Portugal, considerando que uma sociedade que não "cultiva" os seus artistas é uma sociedade "morta e "sem futuro". "A sociedade depende da cultura, a sociedade depende da capacidade da criação cultural, nas suas várias expressões e isso passa pelos artistas. Uma sociedade que não cultiva os seus artistas é uma sociedade morta, é uma sociedade fechada, é uma sociedade sem futuro", afirmou o Presidente da República.

Sublinhando que em Portugal se quer uma sociedade viva que respeite os artistas, o Professor Marcelo Rebelo de Sousa agradeceu o contributo que têm dado ao país.

Perante uma plateia com algumas centenas de artistas, o Chefe de Estado recordou os anos que dedicaram aos palcos, ao cinema, à rádio, enchendo "vidas muitas vezes tão vazias, tão solitárias, tão tristes e tão melancólicas, que ganharam outro sopro, outra animação, que ganharam outro sentido "devido à sua presença". Desta forma "é bonito que haja, ao menos neste domínio da nossa vida coletiva, gratidão". Pois, acrescentou, é uma gratidão que é chamada permanentemente a manifestar-se ligada à saudade.

No final do seu discurso revelou ainda que, dando "um pequeno exemplo pessoal", se iria inscrever como sócio apoiante da APOIARTE e, enquanto Presidente da República, irá pensar numa ideia que permita associar os artistas, porventura na Presidência da República, a "um momento que possa ser aberto a todos os portugueses". Um momento importante, que fará "a ponte entre o passado, presente e futuro, é essa ponte entre o passado, presente e futuro que faz as pátrias e que, sobretudo, faz as grandes pátrias como a nossa", referiu.

Bem-haja pela honra da sua visita e pelo momento de felicidade que veio dar neste dia, a esta Casa de Afectos, Emoções e Vontades.

Editor e Coordenador do "Boletim Informativo da Casa do Artista"

“Rosário de Cantigas”

Segue a trova o seu destino
Se tem um motivo novo
E entra devagarinho
Na alma do nosso povo

E se a canção agradar
Nessa mais linda cantiga
O povo põe-se a cantar
Até popularizar o rosário de cantigas

Refrão

A nossa trova passa de rua em rua
Que lhe chama muito sua
Porque é linda, porque é nova
Nossa canção, rapazes e raparigas
É conta de estimação do Rosário
De cantigas

Autor: Jorge D'Ávila

Repertório: Linita Marques

Colabore com a nova edição do “Boletim Informativo da Casa do Artista”, através das suas histórias, do seu talento, da sua arte.

Contamos consigo!

Heróis de Portugal

A Pintassilgo quem diria
Bonita quando sorrias
Era Lourdes e Maria
Mas só lá estive 100 dias

O Santana de olhos doces como dropes
Vou lembrar o seu passado
Era Pedro e também Lopes
E até já foi deputado

Tudo isto é verdadeiro
É uma história bem boa
Em S. Bento foi primeiro
E foi autarca em Lisboa

Foi na Câmara da Figueira
Eu estou aqui na Pontinha
Alfama toda altaneira
Que a Cinha foi lá madrinha

Veio da Guiné o zarolho
Spínola foi general
O velho de caco no olho
Presidente em Portugal

Trago um mal no meu joelho
E sinto uma grande dor
O Pedro Passos Coelho
Até tem voz de tenor

Costa Gomes, Gomes da Costa
João Soares da Cultura
Pessoal que a gente gosta
Bofetadas são tortura

Mora com a Mãe em Lisboa
O Portas muito rabino
É o Paulo da Madragoa
O Rei do submarino

Amália Rainha do Fado
Grande voz de Portugal
Mataram Humberto Delgado
E morreu Álvaro Cunhal

Otelo Saraiva de Carvalho
Isto é só o que eu penso
Fizeram um bom trabalho
Ele e o Vasco Lourenço

Era do Porto o primeiro
Digo eu devagarinho
Bem pequeno o Sá Carneiro
E o grande Rosa Coutinho

Ela bem quer dar nas vistas
Lá fora o Durão Barroso
E a Menina Assunção Cristas
Com o Guterres baboso

Esta foi a minha praia
É este o dinheiro que debes
Uma estátua a Salgueiro Maia
De chaimite o Jaime Neves

Está aqui ao pé da Pontinha
Esta fadista de fama
Foi dona da “Parreirinha”
D. Argentina de Alfama

Ricardo toma lá prosa
Com amizade e carinho
Um beijo à Mãe Rosa
E um abraço do Coutinho

Autor: Júlio Coutinho

SER POETA

Poeta queria ser
Com as palavras brincar
Mentiras iria escrever
Pra quem as lesse enganar.

Com as palavras brincar
Outras vidas inventar
Seria um mar de rosas
Aos leitores encantar.

Dizem que o poeta mente
Sem mentiras não há poesia
Porque a obra do Poeta
É linda com fantasia.

Bom é inventar a vida
Com palavras eu jogar
Outras vidas inventar
Usar a palavra amar.

Quando um dia eu partir
Depois de com palavras brincar
Deixarei minha poesia
Pra quem a ler, enganar.

Lila

Quando eu já cá não estiver
Ainda me vai saber bem
Que falem de mim
E do meu cantar... também

Amália Rodrigues

Havemos de ser culpados...

O mundo está em guerra
violência por todo o lado
que pena o planeta Terra
ser tão mal frequentado

a tecnologia avançada
tem coisas de espantar
mais gente mal criada
com vontade de mandar

por este caminho é certo
já estarmos muito perto
do pico da paciência...

- havemos de ser culpados
de homens amacacados
numa selva de demência...

Autor: Joaquim Samora

- Perguntas a Beatriz Costa:
- Quantos anos tem?
- Um como toda a gente

Que idade tem? Três

A que tenho
A que aparento
E aquela que você quiser dar

Agora escolha

O mês de Setembro foi bom e mau

Para a nossa classe e cá em casa, este mês de Setembro passado foi bom e mau. A “Casa do Artista” fez 17 anos no dia 11. Fez anos no dia 26 a nossa Diretora-Geral Manuela Maria, parabéns de todos nós. Esta grande actriz está no Teatro Politeama a fazer as “Árvores Morrem de Pé”, uma criação da insigne actriz Palmira Bastos, que vi em 66 no extinto Teatro Avenida e que toda a gente diz que a D. Manuela vai muito bem. Também já fomos em Outubro, dia 1 visitados pelo Senhor Presidente da República, que para nós foi uma honra.

Ainda em Setembro como todos os anos fomos a Fátima e graças a Nossa Senhora correu tudo muito bem. Agora vem a parte triste: morreu a nossa amiga Tóta, como todos a tratávamos, esposa do actor Armando Venâncio, que foi durante muitos anos ponto na RTP.

Também nos deixou uma grande amiga minha e uma enorme Senhora do Teatro, a Anna Paula, que já foi Zeiger e que nasceu em Braga com o nome de Maria Zulmira e que veio com sete anos para Lisboa viver com a família para o bairro onde eu nasci e morei até vir para aqui, na Penha de França, para a Vila Cândida. A Cena Portuguesa ficou mais pobre, que Deus a tenha.

A linda modelo e elegante empresária de moda Carla Matadinho foi mãe, dum menino que se chama Sebastião. Parabéns à mamã e papá, o bonitão empresário, encenador e produtor Paulo Sousa Costa. Anda cá a ensaiar uma peça para o nosso Teatro Armando Cortez uma mulher muito bonita além de ser uma boa actriz Maria Emília Correia, que esteve no Teatro Nacional D. Maria II e entra em muitas novelas na Televisão. Bem-Haja.

A nossa Lailai esteve no hospital a ser operada, está melhor já cá está em casa, também o Pedro Machado está melhorzinho.

Autor: Júlio Coutinho

Este pessoal do meu tempo, também envelheceu!

Os nossos favoritos são agora também idosos



O Crepúsculo de uma grande atriz

Conheci a Anna Paula, ainda muito jovem, quando ela se encontrava na Companhia Amélia Rey-Colaço/Robles Monteiro no D. Maria II. E logo a comecei a admirar e a simpatizar com ela.

Mas o potencial e a "chama", o enorme talento e a "garra" que a Anna Paula tinha vieram a revelar-se totalmente em duas companhias onde teve sempre um lugar de relevo e onde souberam dar-lhe papéis à sua altura.

Primeiro foi a saudosa companhia do Teatro-Estúdio de Lisboa, dirigida pela atriz Helena Félix e pela encenadora Luzia Maria Martins. De todos os papéis, e eu gabo-me de ter visto e criticado todas as peças levadas à cena por aquela companhia que revelou tantos autores desconhecidos entre nós e tantas bonitas oportunidades concedeu a actores ainda no início da sua carreira - que hoje aboliram do seu currículo a sua passagem por aquele teatro - o que acho ter sido a sua coroa de glória foi essa tão desgarradora, grande mas terrífica peça do inglês David Hare, "O Lar". Eram diálogos penosos e reveladores, mas de uma grande humanidade, entre quatro sem - abrigos que se encontravam num banco de jardim estupendamente interpretados, para além de uma Anna Paula em estado de graça, pelos formidáveis e estupendos colegas Joaquim Rosa, Helena Félix e Amílcar Botica.

Apesar de sair sempre de lá de lágrimas nos olhos, como era masoquista, vi a peça cinco vezes...

E, como a Anna Paula me confessou, num depoimento que me deu sobre o Teatro-Estúdio de Lisboa cuja história eu e o historiador de teatro Luciano Reis estamos a fazer, esta foi a única personagem de que se custou a separar pois muitas vezes a levava para casa.

E confidenciou-me também, nessa altura, ter, durante a sua representação, apanhado o maior susto da sua vida porque, uma tarde, quando entrou num autocarro, deparou-se com uma velhinha que era tal e qual, máscara, gestos, modo de falar, vestuário, em tudo igual àquela que interpretava na peça "O Lar"

Depois, no teatro Experimental de Cascais, e dirigida por Carlos Avilez que lhe deu sempre belíssimas personagens, ele atingiria o seu ponto mais alto em obras como esses inesquecíveis "Harold e Maud", no "Leão no Inverno" em que, ao lado do grande actor João Vasco, não ficava atrás do mesmo papel que a americana Katherine Hepburn fez no cinema, antes pelo contrário. Também nos "Biombo" de Jean Genet, nesse espantoso "Corações na Penumbra" de Tennessee Williams em que, com 75 anos, teve a coragem de desempenhar, ao lado de Paulo Rocha, uma atriz decadente e envelhecida que paga a um jovem para ir para a cama com ela...



"Crónica De Uma Morte Anunciada"

Desde que foi para a Casa do Artista e que deixou o teatro, por isso mesmo sempre a sua maior paixão, me dizia constantemente, quando lhe telefonava ou ia visitá-la, que queria morrer pois já não tinha motivos para viver. "O que estou aqui a fazer?" perguntava-se ela ou então "Porque é que Deus não me leva?".

A Anna Paula que foi uma excelente professora no Conservatório de Teatro e a única a apoiar-me em alguns momentos difíceis que ali passei, que estava sempre pronta a ajudar os actores mais jovens no TEC, partiu porque, há muito que tinha desistido de viver. E nem o Carlos Avilez, que tanto a amava e convidava constantemente para novas peças, a conseguiu demover da sua recusa de regressar ao teatro.

Perdemos uma maravilhosa actriz e eu uma grande amiga a quem levava uma rosa vermelha sempre que a ia visitar à casa do Artista, a mesma que depus em cima da sua urna na hora da despedida, a última vez que com ela "falei" em voz baixa.

O que mais me doeu foi o facto de terem primado pela ausência tantos colegas seus que com ela contracenaram no teatro (só os seus colegas e encenador do TEC lá estiveram em peso) e que se aprestam a estar em velórios e funerais quando sabem que podem ser entrevistados pelas rádios e televisões. É imperdoável a ausência de um representante da Secretaria de Estado da Cultura na "partida" de uma das nossas maiores actrizes. Mas estes não têm memória! E, nas televisões, apenas uma nota de rodapé (o mesmo sucedeu com a grande Madalena Sotto que morreu no Porto, no quarto de uma pensão, com cem anos de quem também era amigo e visita da sua casa em Lisboa). Com a honrosa exceção do único homem com memória e grande amigo dos actores - Júlio Isidro - que lhe prestou uma grande homenagem, repondo na RTP Memória, o "Inesquecível" de uma sua bonita e terna entrevista.

A Anna Paula, minha amiga e grande actriz, continua comigo no meu coração e na minha memória e irei pedir ao Júlio Isidro para ver se repõem duas peças que gravou para a RTP 1 e que foram das poucas que escaparam à fúria destrutiva do apagamento de cassetes que se registou em 1975/76, autêntico crime cultural: "O Lar" e "A Casa de Pássaros" do português Jaime Rocha, dois enormes papéis seus.

Até sempre minha querida Anna Paula, recebe, onde quer que estejas, um grande abraço deste teu amigo e admirador:

Tito Lívio.

Conversas com Rosto

O “Boletim Informativo da Casa do Artista” conversou com Maria Candal.

Natural do lugar do Candal, concelho de Vila Nova de Gaia, era conhecida como “a miúda do Candal”.

Quando veio para Lisboa, para ingressar no teatro, o actor Samuel Diniz, que fazia parte da Inspeção dos Espetáculos, aconselhou-a a escolher um nome mais sonante, um nome de cartaz. Optou pelo nome de Maria Candal, nome artístico por que ficou conhecida ao longo da sua carreira profissional.

Numa conversa amena e muito agradável, entrámos no baú de memórias e recordações desta grande cançonetista e actriz, ao passarmos o olhar pelas fotografias e os muitos recortes de jornais que registam episódios do seu percurso profissional.

Estreou-se em 1954, no Teatro Avenida, na revista “Viva o Homem”, ao lado de outros grandes nomes da cena portuguesa, como Camilo de Oliveira. No ano seguinte, integrou o elenco da revista “Bota Abaixo”, ao lado de Raul Solnado. Participou na opereta “O Zé Telhado”, com Hermínia Silva, Curado Ribeiro, Maria Adelina e Domingos Marques, no Teatro Apolo. Fez uma tournée com a Companhia de Vasco Morgado e Joseph Bastos a África, com várias revistas e uma peça infantil, ao lado de Beatriz Costa, Camilo de Oliveira e Badaró.

Quando regressa a Portugal participa na revista “Espero-te à Saída”, no Teatro ABC, onde contracena novamente com Camilo de Oliveira e integra o elenco da peça “Mas que escândalo”, com Madalena Sotto e Artur Semedo. Ainda na década de 50, participou na revista “Lisboa à Noite”, em substituição de Milú, e contracenou com, entre outros, a actriz e cantora Maria Adelina, Maria Dulce e Elvira Velez.

Nos anos 60 manteve intensa actividade, participando em numerosos espectáculos de revista, teatro e opereta, de que se destaca a peça “O Pecado Mora ao Lado”, com adaptação de Luis Sttau Monteiro, e encenação de António Pedro, levada à cena no Teatro Avenida. Desses anos recorda os colegas com os quais trabalhou, como José Viana, Florbela Queiroz, Fernanda Borsatti, Linda Silva, Clara Rocha.

Colaborou na “Menina Feia” com Laura Alves, Nicolau Breyner e Paulo Renato no Teatro Monumental, numa gravação para a RTP. Trabalhou ainda na televisão espanhola, enquanto cançonetista, no programa de grande prestígio “Grande Parada”, onde atuavam artistas internacionais de renome.



Maria Candal salientou que gostava de ter sido bailarina, mas não tinha o dom, apesar de ter tido sempre postura em palco. Enquanto cançonetista, o género de que mais gostava era o romântico, que apenas cantava num ambiente mais intimista, pois o seu repertório principal era composto por música mais alegre, correspondendo ao gosto do público, tendo gravado vários discos para a Alvorada, Rapsódia e Marfer. Sabia movimentar-se em palco, com boa voz, muito afinada e com boa dicção. Confessou gostar das cantigas, mas sentia grande paixão pelo teatro.

Recentemente na Casa do Artista, sempre admirou o projeto, que conhecia de visitas que fizera. Sempre acreditou na persistência dos colegas Armando Cortez, Manuela Maria, Carmen Dolores, Octávio Clérigo, Pedro Solnado e outros artistas, nesta iniciativa e na vontade de darem corpo a um projeto digno. Nunca pensou que a Casa tivesse estas dimensões.

O sentimento de estar a viver na Casa é emocionante. Sabia que ia encontrar pessoas amigas, como a Sr^a D. Manuela Maria, a D. Linita Marques e outras colegas que admira, como Anna Paula, Adelaide João ou Laura Soveral. E sabia que ia encontrar recordações, importantes porque, como referiu, “tem que haver passado para haver futuro”.

Apesar de ter tido uma carreira curta, conheceu êxitos e sucessos. Sente saudades e guarda boas memórias. Aqui na Casa vai revisitando as recordações e mantém um convívio agradável com a classe. Considera a Casa “formidável”.

Desejamos que a D. Maria Candal e o Sr. Mário Ramos, seu marido, se sintam bem nesta Casa de Afetos e Emoções.



Significado da palavra "BERA"

Histórias de Lisboa

- Significado da palavra "BERA": falso; mau; que tem boa aparência mas nenhum valor; que revela maldade, malevolência ou mau carácter.
- Origem da palavra "BERA": numa loja da Rua Garrett ao Chiado, no início do séc.XX
- Sabiam? Vamos então aprender:

«O vespertino "A Capital" dedicava, a 14 de Julho de 1916, página e meia não assinada a "O Chiado e ruas circunvizinhas - Sua história e tradição comercial - Estabelecimentos que já desapareceram, principais estabelecimentos de hoje"... O artigo seria o que hoje poderíamos classificar de publi-reportagem, pois pensamos que "quem não pagou, não apareceu". Mas, mesmo assim, vale como documento para quem, como nós, se interessa pela evolução do retalho nacional.

Assim nos conta: "O Chiado é a rua elegante por excelência. A rua do Ouro pode disputar-lhe a primazia na opulência comercial, na vida intensa dos negócios, na magnificência dos seus estabelecimentos, na riqueza das suas joalharias. Mas o centro da moda permanecerá sempre nessa formosíssima artéria em forma de rampa, que vem de lá de baixo, do antigo palácio Ouguella, até ao largo do Camões. Todos os grandes janotas alfacinhas passaram dois terços da sua vida no Chiado. Todos os estroinas da boémia doirada por ali andaram a cavar a sua ruína. O Chiado foi sempre para o High-Life de Lisboa o que Picadilly Street é para a alta roda londrina. Quem quer ditar a moda tem de empoleirar-se no Chiado, em sítio bem elegante e bem visível – a Marques, por exemplo”.

(...)"No Chiado existiram sempre alguns dos mais célebres estabelecimentos comerciais de Lisboa", faz notar A Capital. "Foi no Chiado que, na sua maior parte, se estabeleceram os comerciantes franceses que, aí por meados do século passado, vieram lançar em Lisboa os novos processos de comerciar e que, servindo de tronco a várias gerações, formaram como que dinastias que ainda hoje existem e que são comerciantes, na sua quase totalidade, como aqueles que as fundaram".

E agora sim, a verdadeira história da origem da palavra BERA:

"Foram ali dar os célebres brilhantes Bera, que deslumbraram o alfacinha, arrancando-lhe o dinheiro à farta e seduzindo-o com o brilho fulgurante das suas falsas pedrarias e das suas jóias de latão. Os brilhantes Bera foram, inegavelmente, uma das mais estranhas loucuras da Lisboa no nosso tempo".



A história dos brilhantes Bera parece então ser a seguinte: nos números 2 a 6 da Rua Garrett apareceu por volta de 1900 um estabelecimento de artigos de origem americana. Pertencia à "Bera Scientific Diamond Palace" e, no espaço sumptuosamente montado, exibiam-se jóias falsas, mas de acabamento elaborado. "Mais reais que as jóias reais", era o seu lema. O êxito foi tremendo, mas o termo "bera" ficou até hoje enraizado no nosso vocabulário informal, para qualificar negativamente algo ou alguém.»

Texto: Fernando Correia de Oliveira - <http://estacaochronographica.blogspot.pt>



Imagem: Rua Garrett, meados de 1897, foto de M.Goulart

Leonor Saraiva = Nasceu uma Artista Plástica



Começo por dizer que não sou jornalista, poeta, escritor ou crítico de nada nem de coisa nenhuma, apenas um simples comentador, nada mais. Claro! Também não sou parvo, sei ver o que é bom ou mau e quando alguém tem o seu valor; esta minha amiguinha de nome Leonor Saraiva é uma jovem cheia de talento para o desenho.

Ofereceu-me uma linda rosa, que tem vida, só lhe falta ter cheiro, uma maravilha, que desenho tão lindo e agora desenhou uma cara de macaco, concorreu ao Prémio Mini Vera e ficou em 1º lugar. Muitos parabéns Leonor, nasceu assim uma desenhadora de classe. Temos uma nova Artista Plástica.

A Leonor é neta da nossa Diretora Financeira, Dr.^a Conceição Carvalho que também está de parabéns pela sua neta. Felicidades e um beijinho do tio Júlio.

Autor: Júlio Coutinho

PM Show Eu...

SONHEI...

... com as fadistas Argentina Santos, Mariema, Cidaliza do Carmo, Noémia Cristina e o guitarrista Avelino do Carmo, discutindo se era melhor andarem todos em “cadeiras de rodas”, “andarilho”, “canadianas” ou bengala.

Avelino pediu a palavra... mas ninguém lha deu e a discussão continuou.

Nini Remartinez cantava e tocava piano, acompanhada por duas belas ... “canadianas”.

As atrizes Célia de Sousa e Clara Maria partiam a “móca” a rir, com as anedotas que contavam uma à outra.

Na mesa da “St.^a Teresinha d’Ávila”, dizia a Nazaré p’rá Linita: Você fala tão alto!!! Entretanto Melchior, OUVIA (?) com muita atenção a discussão do António Évora com o Júlio Coutinho acerca da Amália.

Isabel Balbi e o Dr. Lopes Victor, combinavam os “passos” que vão executar como magníficos dançarinos de “rock and rol” que são. Inesperadamente as nossas queridas Doutoradas, discutiam (p’lo telefone...) onde era melhor reunirem para tratarem do “quem manda aqui sou eu...”, no gabinete (porta fechada...) duma ou na “gaiola” da outra???

Entretanto, Teixeira (manutenção) diz ter um novo carro com o qual faz maravilhas. João (manutenção) contrapõe;

Pois eu, tenho um cavalo que se recusa a fazer essas mesmas maravilhas e até me disse:

- “olha lá, mas tu pensas que eu sou o novo carro do Teixeira?”

Depois...

Acordei

PM



No passado dia 27 de Outubro 2016, a Casa do Artista despediu-se da colaboradora Dina Rodrigues, que se aposentou.

Esta colaboradora trabalhou enquanto telefonista dezassete anos aqui na Casa do Artista, desde o dia 1 de Julho 1999.

Neste dia tivemos uma festa com o Grupo “Vozes do Estoril—Música Popular”, seguindo-se um lanche de convívio com membros da Direção, Residentes e Colaboradores da Casa do Artista.

Nesta nova etapa da sua vida, desejamos-lhe as maiores felicidades e muita saúde.

Um bem-haja pelo seu profissionalismo e dedicação!

Receba um abraço de Todos ...

Balada de Neve

Batem leve, levemente,
como quem chama por mim.
Será chuva? Será gente?
Gente não é, certamente
e a chuva não bate assim.

É talvez a ventania:
mas há pouco, há pouquinho,
nem uma agulha bulia
na quieta melancolia
dos pinheiros do caminho...

Quem bate, assim, levemente,
com tão estranha leveza,
que mal se ouve, mal se sente?
Não é chuva, nem é gente,
nem é vento com certeza.

Fui ver. A neve caía
do azul cinzento do céu,
branca e leve, branca e fria...
Há quanto tempo a não via!
E que saudades, Deus meu!

Olho-a através da vidraça.
Pôs tudo da cor do linho.
Passa gente e, quando passa,
os passos imprime e traça
na brancura do caminho...

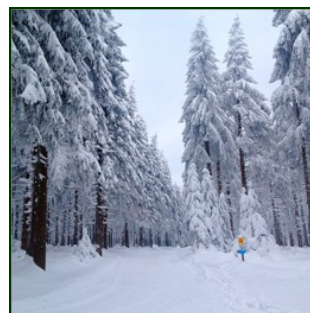
Fico olhando esses sinais
da pobre gente que avança,
e noto, por entre os mais,
os traços miniaturais
duns pezitos de criança...

E descalcinhos, doridos...
a neve deixa inda vê-los,
primeiro, bem definidos,
depois, em sulcos compridos,
porque não podia erguê-los!...

Que quem já é pecador
sofra tormentos, enfim!
Mas as crianças, Senhor,
porque lhes dais tanta dor?!...
Porque padecem assim?!...

E uma infinita tristeza,
uma funda turbção
entra em mim, fica em mim presa.
Cai neve na Natureza
e cai no meu coração.

Augusto Gil



Terceira Idade: Papa Francisco considera os idosos um “tesouro precioso”**E critica a cultura do descarte que os marginaliza**

Cidade do Vaticano, 15 Outubro 2016 (Agência Ecclesia) – O Papa Francisco recebeu, este sábado, no Vaticano, representantes da Associação Nacional Trabalhadores Idosos, e considerou a terceira idade um “tesouro precioso” e “indispensável”.

No encontro com milhares de pessoas da terceira idade, o Papa argentino começou por reafirmar que a Igreja olha para as pessoas idosas com afeto, gratidão e grande estima, pois são parte essencial da comunidade cristã e da sociedade, e representam as raízes e a memória de um povo.

A maturidade dos idosos e sabedoria acumulada ao longo dos anos, “pode ajudar os mais jovens, apoiando-os no caminho do crescimento e abertura ao futuro, em busca do seu caminho”, disse o Papa Francisco.

Em seguida, o Papa falou dos muitos idosos que “generosamente” empregam o seu tempo e talentos no apoio aos outros e que nas paróquias dão um contributo precioso.

No mundo atual, “onde muitas vezes são mistificadas a força e aparência”, os idosos têm “a missão de testemunhar os valores que realmente contam e que permanecem para sempre porque estão gravados no coração de cada ser humano e garantidos pela Palavra de Deus”.

Existem muitos idosos que convivem com a doença, dificuldades de locomoção e precisam de assistência, observou ainda o Papa, agradecendo a Deus por tantas pessoas e estruturas que dedicam diariamente ao serviço dos idosos.

O Papa Francisco exortou as instituições que abrigam idosos a serem lugares de “humanidade e atenção amorosa”, onde os mais fracos “não são esquecidos ou negligenciados, mas visitados, recordados e tratados como irmãs e irmãos mais velhos”.

As instituições e diferentes realidades sociais ainda podem fazer muito para ajudar os idosos e exprimir as suas capacidades, para facilitar a sua participação ativa, sobretudo para garantir que a sua dignidade como pessoas seja sempre respeitada e valorizada, sublinhando o Papa argentino, condenando mais uma vez a cultura do descarte que marginaliza os idosos, considerando-os improdutivos.

FACTOS Y FICCIONISMO

Afonso Henriques Ferreira

Romaria a Vila Franca, sons e ecos, a natureza a espanejar vigor. Orvalho ténue, leve, agarrado ao chão, às ervas, à fundeira, ao rio no dealbar gélido de Fevereiro. E nas fundeiras do abismo, o rio fungava, e era marulho suave na chapada onde o Penedo da Tulha era basalto esguio até à agulha dos pinheiros mais altos --- sentinela plantada no atalho que leva ao Santo Amaro.

No toutiço do penedo, uma grande laje faceava o céu e, em equilíbrio telúrico, era marco pagão, o povo, charola festiva a ladeá-lo e a zoar até ao orago em capelinha barroca, a Filarmónica a arruar o povoado desde o despontar do sol. Só os tolhidos, e os cansados dos fulgores da existência, não zoavam ao Santo Amaro, às papilas santas, à unção no traço dos lábios e no ouropel e adamascado das vestes, nos coiratos das sandálias, no varapau-fueiro em que se empertigava no altar. Mas, na Tulha, o cerne do ritual: eflúvio pagão a fluir às liturgias cristãs. Conto:

--- As virgens de Mões, deitadas nos fentos do caminho, seios apontados ao céu, atiravam seixos ao penedo. Quando um se segurava na lapa, o sonho da virgem realizar-se-ia: proclamação civil e sponsais religiosos. A rapaziada, *olhos de cão à queirã*, ou seja, no cio, anotava as emoções do jogo, certeza de que a virgindade seria flor na noite de núpcias e selo rubro nos lençóis e no folhelho do colchão. Mas, seixos atirados e desabados aos fentos, à urze, à carqueja na relheira do caminho, mais um ano de espera, de namoro, dúvidas, amuos, arrelias, lágrimas, e medos de a virgindade desfalecer nas horas cálidas do fontanário. As não-irgens temiam-se de entrar no jogo, pois achaques dúbios desmascarariam o embuste, tolhendo encantos do corpo e, até, a sanidade.

E era assim que no dia de Santo Amaro se remontava à lenda da princesa moira que atirara seixos à lapa até ao ditoso dia em que o seixo se aquietou nos corutos e o noivo galgou o vau do Paiva com luzidio séquito pelo caminho das poldras, a tomou nos braço e a levou num cavalo alado.

As virgens esfalfavam-se: alcricotes ao léu, eram um despique no atalho, na esperança de um seixo se equilibrar na lapa. Mas --- seixo repellido pela mão invisível da moira que, após a morte do noivo em peleja com os nativos no Castelo de Manha, Serra da Maga, se descoroçoou de dor e no penedo escondeu ódios e raiva --- era vê-las a recolherem num saquinho de linho bordado em noites de boa-lua os seixos que não se seguravam na lapa e a exporem-nos à proteção do santo, pois a Santo Amaro, e só a ele, cabia o romantismo da fecundidade.

“NÃO É PERMITIDO ENVELHECER”

**PROPRIEDADE:
APOIARTE —
CASA DO
ARTISTA**

Estrada da Pontinha, 7
1600-582 Lisboa

Tel: 217110890
Fax: 217110898
Correio eletrónico:
Geral@casadoartista.net

Ficha Técnica

Edição e Coordenação:
Ricardo Madeira
(Animador Sociocultural)

Responsável pela Edição:
Conceição Carvalho

Revisão:
Fernando Tavares Marques

A APOIARTE/CASA DO ARTISTA—Associação de Apoio aos Artistas é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), destinada a apoiar e dignificar aqueles que exerçam ou tenham exercido funções relacionadas com a atividade do espetáculo nas áreas das artes cénicas, da televisão, do cinema e da rádio.

A Residência, o Teatro Armando Cortez, a Galeria Raul Solnado e o Centro de Formação constituem as várias valências de apoio e desenvolvimento dos objetivos definidos na sua génese. Abrangida pela Lei do Mecenato Cultural, tem contado com vários apoios que, de algum modo, nos têm ajudado a contribuir para a melhoria da qualidade de vida de todos os residentes nesta Casa do Artista.



Agenda Cultural

Na sala Beatriz Costa:

- Apresentação do “Boletim Informativo da Casa do Artista”, no dia 7 de Novembro 2016 (segunda-feira), pelas 15 horas;
- Comemoração do Dia de São Martinho, com Ada de Castro, Clara Tristão e Jorge Baptista da Silva e o tradicional magusto, no dia 11 de Novembro 2016 (sexta-feira), às 15 horas;
- ManeloStar e Revivalistas—música dos bons velhos tempos, no dia 28 de Novembro 2016 (sexta-feira), às 15 horas;
- Comemoração do Dia Mundial da Televisão, com o apresentador Eládio Clímaco, no dia 21 de Novembro 2016 (segunda-feira);
- “Desfolhadas”, com o Coro Curpi Santo Contestável da Associação de Pensionistas de Campo de Ourique, no dia 24 de Novembro 2016 (quinta-feira), às 15 horas;
- “Os Poemas das Nossas Vidas”, com o grupo de poetas “Poesia no Palácio”, no dia 30 de Novembro 2016 (quarta-feira), às 15 horas.

No Teatro Armando Cortez:

- A Yellow Star Company apresenta “A Mãe Biológica de Marilyn Monroe”, a partir do dia 12 de Outubro 2016, com as atrizes Maria Emília Correia, Núria Madruga e Sara Salgado, com encenação de Paulo Sousa Costa.
- O Teatro Infantil de Lisboa apresenta “O Gato das Botas”, com texto e encenação de Fernando Gomes.